

Projeto socialista da cidade encantou o pioneiro

Arquivo Público

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Antes de chegar a Brasília, em julho de 1960, o jornalista José Hélder de Souza já acumulava nove anos de carreira, com passagem pelos jornais *Democrata*, *O Povo*, *O Estado* e *Diários Associados*. Vivia em Fortaleza, no Ceará. Ouvia falar da nova capital pelas notícias que saíam na imprensa de todo o país. A mudança do Distrito Federal para o Centro-Oeste era o assunto do momento.

Insatisfeito com os empregos oferecidos na capital cearense, fazia planos de se mudar para São Paulo, onde também vivia o amigo Ari Cunha. Os dois haviam se conhecido no jornal cearense *O Estado*, pouco tempo antes.

O encontro com o amigo em São Paulo, entretanto, fez com que José Hélder mudasse o rumo de seu destino mais uma vez, colocando Brasília em sua vida. "Ele já se encantava com o projeto socialista que a cidade tinha e lia tudo que saía nos jornais sobre a construção da cidade", revela a esposa, Maria Neide Eleutério de Souza, que na época era sua namorada.

A chegada à cidade não impressionou o jornalista. Brasília já estava inaugurada e, portanto, os Ministérios e o Congresso Nacional já funcionavam normalmente. Os eixos e parte da W3 Sul já estavam asfaltados. O excesso de poeira, que para muitos na época representava um grande

incômodo, para Hélder era apenas um mito. "Havia poeira, sim, nos locais próximos aos canteiros de obras, mas nada que incomodasse tanto", diz.

O sentimento de solidão que muitos pioneiros sentiam devido ao afastamento da família também não teve lugar na história de Hélder em Brasília. Além do amigo Ari Cunha e outros conterrâneos com os quais depois se en-

controu, aqui já residia um parente, o primo Colombo de Souza, que na época exercia um mandato como deputado federal. Por causa do cargo, Colombo morava em um apartamento na 208 Sul, local onde Hélder passou os primeiros dias na cidade.

Oportunidades

A diferença de salário oferecida para as pessoas que aceitavam o

desafio de participar do desenvolvimento da nova capital federal está registrada na carteira de trabalho do jornalista. A mudança para cá e a entrada no *Correio Braziliense*, primeiro jornal criado na cidade, fizeram com que Hélder passasse a ganhar seis vezes mais que o salário que recebia para trabalhar em Fortaleza.

O benefício financeiro, entretanto, não era a única vantagem

que a mudança para Brasília dava aos profissionais. O trabalho também era algo extremamente gratificante, principalmente nas áreas de atuação ligadas às



JOSÉ HÉLDER (FUMANDO À ESQUERDA) COM OS COMPANHEIROS DO CORREIO BRAZILIENSE

Em 1960, o jornalista decidiu mudar do Ceará para São Paulo, mas, por influência do amigo Ari Cunha, desviou o rumo de seu destino para o Planalto Central

decisões políticas, que passaram a ser tomadas aqui e não mais no Rio de Janeiro.

Na carreira de Hélder, por exemplo, isto significou a passagem de redator para secretário de redação. O ofício na época tinha peso de chefia. Era ele quem escolhia as matérias que iriam sair no jornal do dia seguinte e também as distribuía nas páginas do veículo. “Fiz parte da primeira equipe do **Correio Braziliense**, quando o prédio do jornal tinha apenas dois andares”, conta com orgulho. “Ao redor do prédio, no Setor de Indústrias Gráficas, ainda não tinha nada construído.”

Hélder se lembra também de pelo menos um nome de profissional que chegou desconhecido a Brasília e se tornou um grande jornalista — José Leão Filho. “Ele veio de Goiânia com quase nenhuma experiência e foi formado pelo **Correio Braziliense**.”

Asa Norte

Com ajuda do amigo Ari Cunha, a primeira moradia de Hélder foi no Dó Ré Mi, um alojamento com apartamentos especiais que ficava ao lado do Brasília Palace Hotel. O lugar contava com os mesmos serviços do hotel, mas oferecia maior privacidade às pessoas hospedadas.

Em 1961, Hélder decidiu voltar ao Ceará para casar-se com a noiva, Neide. Na volta para Brasília, o casal moraria no Dó Ré Mi até que alguma moradia fosse disponibilizada para os dois. A cidade permanecia incompleta, com a Asa Norte quase inteira por construir. E os apartamentos que ficavam prontos primeiro eram entregues aos funcionários do governo federal.

Com a ajuda do jornal e de Ari Cunha, novamente, porém, os



JOSÉ HÉLDER VEIO PRIMEIRO DO CEARÁ, DEPOIS BUSCOU A NOIVA NEIDE E AQUI CONSTRUÍU SUA VIDA E SUA FAMÍLIA

recém-casados conseguiram um apartamento na Asa Norte, em uma das poucas quadras que já estavam construídas: 404. A L2 Norte ainda não tinha asfalto e não existia nenhuma construção entre a avenida e a Universidade de Brasília. “Acompanhamos todos os acontecimentos da universidade pela janela de casa”, conta Neide. “Desde a construção dos prédios até a invasão do Exército”, completa.

Enquanto moravam na Asa Norte, Hélder e Neide puderam acompanhar de perto também o nascimento da avenida W3 Norte. Quando o casal se mudou para a superquadra 404, não havia ainda nenhum movimento na avenida. O que levou vida para ali foi a abertura de um bar, por um contêrrâneo, do qual Hélder não se recorda do nome, na altura da 502. “A rua ainda estava sendo preparada para pavimentação”, revela o jornalista.

“**HAVIA POEIRA, SIM, NOS LOCAIS PRÓXIMOS AOS CANTEIROS DE OBRAS, MAS NADA QUE INCOMODASSE TANTO**”

Cultura

A inauguração da UnB, em 1960, foi um grande acontecimento para os profissionais ligados à literatura que residiam em Brasília. A

abertura da universidade atraiu vários intelectuais para cá. Como a cidade possuía poucos habitantes, todos se encontravam. Uma das casas mais freqüentadas, segundo Neide, era a de Zanini Caldas, professor da UnB na época. Uma das personalidades que sempre estavam presentes nestes encontros era Darcy Ribeiro. “Ele era muito comunicativo e agradável”, recorda.

A chegada destes intelectuais gerou uma série de acontecimentos culturais, como as sessões de cinema realizadas semanalmente na Escola Parque da 508 Sul e a fundação da Associação Nacional de Escritores, que durante muito tempo funcionou nos porões do Teatro Nacional.

A agitação cultural e a participação ativa de Hélder em todos os eventos desta natureza levaram-no a criar o caderno Cultural do **Correio Braziliense**, que divulgava as obras feitas pelos moradores de Brasília.

Raio X

Nome:

José Hélder de Souza

Idade:

72 anos

Origem:

Massapê, Ceará

Profissão:

Jornalista

Ano de chegada a

Brasília:

1960

Esposa:

Maria Neide Eleutério de Souza

Filhos:

Zuleika, Adriana, Tereza e Pedro Olavo

Netos:

Vítor e Cecília